

● NO EMBALO DE NORMA DO TSE

Faturando um dindim

Morador de Copacabana vendeu canetas azuis na porta de local de votação

O vendedor de jornais Álvaro Augusto, de 57 anos, é desses cariocas de visão empreendedora. Diante da recomendação de cada eleitor levar sua própria caneta para votar, norma do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para evitar a disseminação do coronavírus, o morador de Copacabana aproveitou para faturar: comprou alguns pacotes de canetas azuis e se posicionou estrategicamente na porta da Escola Municipal Roma, salvando a pele dos desprevenidos. “Caneta é dois reais”, bradava o comerciante, ontem.

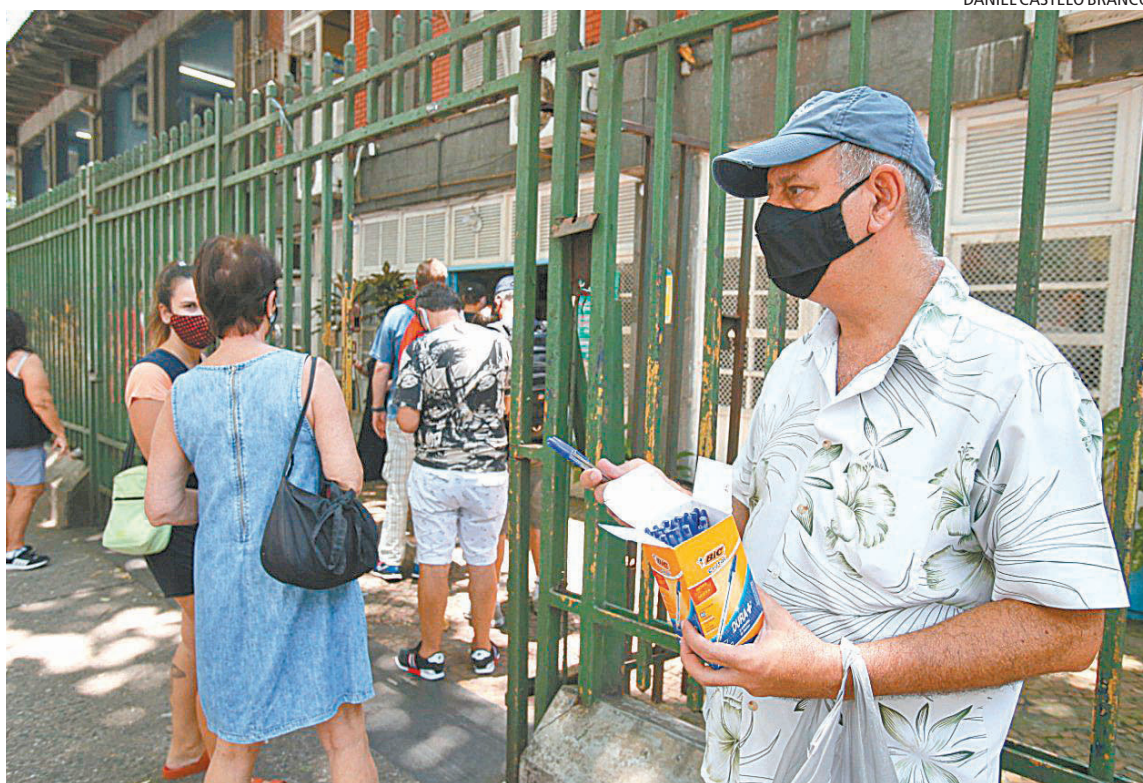
“O que mais tem é gente que entra e diz: ‘Ih, esqueci a caneta!’ Em uma hora, já vendi mais de 20”, comemorou Álvaro, que tratou de vender as canetas no seu próprio local de votação.

O exercício da cidadania já foi feito. Agora, o que vier é lucro. “Tem nicho. Sabendo que é

uma zona eleitoral movimentada, pensei em vender alguma coisa. Máscara, não, porque ia ter muita gente vendendo. Água, também vende muito. Optei pela caneta. É fácil ter troco e tem um grupo razoável de

**‘EM UMA HORA,
JÁ VENDI
MAIS DE 20’,
DIZ ÁLVARO
AUGUSTO**

desprevenidos”, afirmou Álvaro, que notou a ausência de um eleitor famoso da Escola Municipal Roma. “Estou sentindo a falta do ex-governador Sérgio Cabral, que sempre votava aqui. Ouvi dizer que está impossibilitado de comparecer”, brincou.



Álvaro Augusto vendendo canetas na porta da Escola Municipal Roma, em Copacabana, na Zona Sul

DANIEL CASTELO BRANCO

● NA TIJUCA

‘É uma sensação de impotência’

Idosos e cadeirantes enfrentaram dificuldades para acessar as zonas eleitorais de colégio

O início das eleições começou com a presença, em grande parte, de idosos pela manhã, conforme recomendação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Na Escola General Euclides de Figueiredo, na Tijuca, Zona Norte do Rio, onde a delegada e candidata à prefeitura Martha Rocha (PDT) votou, a movimentação foi tranquila, mas houve reclamações sobre acessibilidade e urnas com defeito. A equipe do MEIAHORA flagrou pessoas

em cadeiras de rodase com bengalassas com dificuldades de chegar às zonas eleitorais do colégio.

A advogada Ana Mascarenha, que faz parte da comissão do idoso, disse que a mãe, de 77 anos, que sofre de Alzheimer, desistiu de votar por conta da situação. “Tive que deixar minha mãe sozinha para vir votar, porque falta acessibilidade nas escolas. Minha mãe é idosa. O maior medo dela é ser carregada. É preciso três pessoas

para ajudar. O TRE não pensou na acessibilidade. Você viu a dificuldade para tirar aquele idoso? É a primeira vez na vida que ela ficou sem votar. É uma sensação de impotência”, disse a advogada.

De bengala e com dificuldades em acessar o colégio, a psicóloga Olívia Calisto, de 74 anos, pediu um olhar mais carinhoso do TRE para os mais necessitados. “Falta acessibilidade em todos os aspectos”, lamentou.



Cadeirantes tiveram dificuldades para chegar às seções da escola

ESTEFAN RADOCICZ